

**AUTOR****Vera Maria  
Fonseca de  
Almeida-Val\***

veraval30@gmail.com

\* Doutora em Biologia  
de Água-Doce e Pesca  
Interior. Pesquisadora  
do Instituto Nacional de  
Pesquisas da Amazônia  
(INPA, Brasil).

# Revisitando a obra de Padre João Daniel. Redescobrimo o Tesouro

Revisitando la obra del Padre João Daniel. Redescubriendo el Tesoro

*Revisiting the work of Priest João Daniel. Rediscovering the Treasury*

**Daniel, J. (2004). *Tesouro descoberto no máximo Rio Amazonas* (Vol. I e II; 1722-1776). Rio de Janeiro: Editora Contraponto.**

**RESUMO:**

Esta resenha trata de uma revisita à obra *Tesouro Descoberto no máximo Rio Amazonas* (volumes I e II). Após termos lido a mesma há mais de dez anos e redigido duas resenhas, uma no ano da própria publicação pela Editora Contraponto a pedido da SBPC, e outra em 2005, a convite da revista *Ambiente & Sociedade*, na ocasião, editada pela Unicamp, esta terceira traz uma leitura diferente. Naqueles dois documentos, tratamos da biodiversidade e ambiente, preciosidades que Padre João Daniel descreveu, brindando-nos com uma narrativa detalhada e precisa que parece atual ao leitor de hoje, apesar de escrita no século XVIII (1757-1776). No presente documento recordamos alguns pontos e ressaltamos duas partes onde ele descreve os peixes anfíbios, tratando toda a biodiversidade aquática animal que respira ar. Após esta revisita, trazemos uma parte não abordada nas demais resenhas, na qual Padre João Daniel descreve os índios (naturais como também os chama) e suas características físicas e organização social. Trata também da relação do homem europeu (espanhóis e portugueses) com o índio. Impressiona como há um forte paralelo entre as relações hierárquicas e sociais que houve na época da colonização e ainda persiste nos dias atuais. Vale à pena sentir o carinho que o autor teve enquanto viveu como jesuíta na Amazônia e como ele poderia ter sido, nos tempos de hoje, um grande historiador, filósofo e biólogo.

**RESUMEN:**

Esta reseña revisita la obra *Tesouro Descoberto no máximo Rio Amazonas* (volúmenes I y II). Más de diez años después de haber leído la obra y redactado dos reseñas, una en el año de su publicación por la editorial Contraponto, por encargo de la SBPC, y otra, en 2005, por invitación de la revista *Ambiente & Sociedade*, editada por la Unicamp, esta tercera reseña trae una lectura distinta en relación a las dos anteriores. En las dos primeras tratamos de la biodiversidad y el ambiente, tesoros que el Padre João Daniel describió, brindándonos una narrativa detallada y precisa que parece actual al lector de hoy, a pesar de haber sido escrita en el siglo XVIII (1757-1776). En esta reseña recordamos algunos puntos y resaltamos dos partes del texto donde el autor describe los peces anfíbios y la diversidad acuática animal que respira oxígeno. Después de esta revisión, presentamos una parte no abordada en las reseñas anteriores, en la que el Padre João Daniel describe a los índios (naturales, como les llama) y sus características físicas y organización social. Igualmente, la relación del hombre europeo (españoles y portugueses) con el índio. Impresiona la fuerte correlación entre las relaciones jerárquicas y sociales que hubo en la época de la colonización y que todavía persisten en el presente. Vale la pena sentir el cariño que el autor tiene en cuanto vive como un jesuíta en la Amazonia y como podría haber sido, hoy en día, un gran historiador, filósofo y biólogo.

---

**ABSTRACT:**

This review is about a revisit to the work *Discovered Treasure at the maximum Amazon River* (volumes I and II). After having read it for over ten years and drafted two reviews, one in the year of its own publication by Editora Contraponto at the request of the SBPC, and another in 2005, at the invitation of the magazine *Ambiente & Sociedade*, published by Unicamp, we bring a different view in this one. In those two documents, we deal with biodiversity and environment, precious things that Priest João Daniel described, providing us with a detailed and precise narrative that seems current to the reader today, although written in the eighteenth century (1757-1776). In this paper we recall some points and we highlight two parts where he describes the amphibian fish, treating all aquatic animal biodiversity that breathe air. After this revisit, we bring a part not covered in the other reviews, in which Priest João Daniel describes the Indians ("natural" as he also calls them) and their physical characteristics and social organization. It also deals with the relation of the European man (Spanish and Portuguese people) with the Indian. It is striking how there is a strong parallel between the hierarchical and social relations that existed at the time of colonization and still persists in the present time. It is worth to feel the affection that the author had while living as a Jesuit in the Amazon and how he could have been a great historian, philosopher and biologist in the present times.

## 1. A título de recordação

Por duas vezes visitei a obra do Padre João Daniel, publicada pela editora Contraponto, e formulei algumas poucas ideias sobre a mesma. Como bióloga, meus interesses foram imediatos na veia condutora do historiador natural que foi Padre João Daniel. Um observador contumaz dos processos biológicos dos rios e florestas que visitou e percorreu durante sua vida como missionário da Companhia de Jesus. Do ponto de vista da ecologia e biologia da Amazônia, a sua obra é, apesar de escrita enquanto no cárcere a que foi exilado nos últimos anos de sua vida de 1757 a 1776, uma obra enigmaticamente atual. Os seus escritos foram encontrados por um bispo, José Joaquim de Azeredo Coutinho, e encontram-se depositados na Biblioteca Nacional (Rio de Janeiro) desde 1808, quando o rei D. João VI os trouxe em sua fuga das garras de Napoleão Bonaparte. São cinco partes de uma obra de 1.219 páginas, que foi completada por uma sexta parte encontrada em Évora (Portugal) e lá depositada, tendo esta última sendo posteriormente copiada em microfilme e depositada no Brasil para completar a obra que se encontra na Biblioteca Nacional. Por tratar-se de obra redigida no século XVIII, há algumas partes que misturam realismo e crenças, misticismo e imprecisões. Entretanto, em sua maioria, a obra é de uma riqueza de detalhes e precisão sobre a história do descobrimento da região amazônica que impressiona o leitor. Ainda é muito detalhada a descrição das grandes navegações ali ocorridas pelos europeus, tendo em mente a ideia da existência de um *El Dorado* (uma cidade feita com ouro, denominada “Manoa” que se erguia em frente a um lago de ouro) e teria atraído à região grandes expedições, que se frustraram porque afinal “a cidade Manoa era fantástica e quimérico o lago Dourado” (Daniel, 2004, vol. I).

Obra de fácil leitura e difícil de se desvencilhar, uma vez iniciada a leitura, o *Tesouro Descoberto no máximo rio Amazonas* traz capítulos curtos, com assuntos delineados sobre o descobrimento do maior rio do mundo, contando com detalhes a história sobre o nome do rio, de origem espanhola “Amazonas”, dado às índias guerreiras pelos espanhóis, e que depois foi denominado Orellana, devido às navegações de Pizarro e suas tropas pelo rio Trombetas, cujo capitão da tropa se chamava Orelhana (nome que deve ser escrito Orellana), e que se separou da expedição principal para buscar um povoado de que teve notícia a fim de reabastecer a tropa e, não encontrando tal povoado, seguiu viagem, abandonando a expedição principal para sempre. Orelhana, tido como traidor, foi quem acabou por descobrir o rio até sua foz e partiu com seu diário (escritos) para Castela, onde foi condecorado, recebendo honrarias ali, enquanto era tido como traidor local, sendo paradoxalmente o rio ainda denominado pelos espanhóis de “Orelhana” (desde a foz do rio Madeira ou do rio Negro até o Pongo). Ainda sobre o nome do rio, Padre João Daniel relata que Pizarro contou que na busca do lago Dourado, tudo “eram maranhas e mais maranhas”, significando um caminho cheio de mato, lagos, pântanos, voltas e rodeios, como um emaranhado. Então o rio passou a chamar-se Maranhão (um conjunto de maranhas). Na mesma obra, o autor conta que há outro rio denominado Maranhão que desagua no rio Tocantins e que, “apesar de grande e caudaloso, é apenas um regato comparado ao grande rio” (Daniel, 2004, vol. I). Maranhão, Orelhana ou Amazonas, foram alguns dos nomes dados ao nosso atual rio Amazonas<sup>1</sup>.

Apaixonado pela natureza, é impressionante a descrição que o autor faz do fenômeno da pororoca, que traz a nós, leitores, uma incomum sensação de estar presenciando o fenômeno, tamanha é a riqueza de detalhes que ele fornece. Diz da onda e das alterações das águas “encrespadas, bravas e tão horrorosas” que vai despedaçando embarcações por onde adentram e que no “breve espaço de um minuto, corre, e faz subir a maré por quatro léguas, e talvez mais em algumas partes” (Daniel, 2004, vol. I: p. 71). Descreve o fenômeno como medonho, horrendo e exorbitante alteração de águas e sugere que se fosse um fenômeno contínuo, seria totalmente impossível a navegação por aquela parte do rio. Outros autores já haviam descrito

### PALAVRAS-CHAVE

Amazônia;  
Amazônia  
colonial;  
biodiversidade;  
El Dorado; rio  
Amazonas.

### PALABRAS CLAVE

Amazonia;  
Amazonia colonial;  
biodiversidad;  
El Dorado; río  
Amazonas.

### KEY WORDS

Amazon; Colonial  
Amazonia;  
biodiversity;  
El Dorado; Amazon  
river.

Recibido:  
26/08/2018

Aceptado:  
13/01/2019

esse fenômeno de encontro entre o rio e o mar com emoção e mistificação; entretanto, nada se compara ao deleite de ler Padre João Daniel descrevendo-o.

## 2. A biodiversidade do máximo rio que impressiona o mundo até hoje

Dentre outras descrições, destaco o relato do que chamou “peixes anfíbios”. Neste, Padre João Daniel incluiu todos os animais que dependem, de alguma maneira, da água, para viver, mas respiram ar. Já, naquela época, chamava atenção para a grande biodiversidade, descrita em detalhes de formas, tamanhos, cores e hábitos, como um biólogo moderno o faria. Com a veia de um historiador natural, Padre João Daniel relata com muita precisão, o peixe-boi. Assim ele o diz: “Merece o primeiro lugar na república aquática, o boi marinho, ou como chamam os europeus, o peixe-boi” (Daniel, 2004, vol. I, p. 137). Interessante, que a alcunha de peixe-boi prevaleceu enquanto que o mais exato seria boi marinho ou boi de água doce, pois de peixe esta espécie não tem nada, só se compara pelo fato de viver dentro d’água. Descreve sua forma, seu formato de peixe com cara de boi e ausência de “ovas” como nos demais peixes! Em tal época, e sem formação e conhecimento científicos, o Padre já sabia distinguir cada tipo pela característica reprodutiva, que dista muito entre peixes e mamíferos. Este mamífero aquático foi descrito pelo autor como tendo sua carne, gordura e leite semelhantes a um porco, o que era muito apreciado pela população, e que de dois tipos existentes, um deles rendia quarenta ou mais potes de manteiga<sup>2</sup>. Dizia também que do outro tipo, o homem tirava muito azeite da sua cauda, e que se faziam linguiças, chouriços e paios. Ainda, relata que deveriam ter tal parentesco com o porco que “(...) salpresas têm o gosto dos melhores presuntos de Lamego” (Daniel, 2004, vol. I, p. 137). Acrescentava que havia bois marinhos em outros continentes e que pelas semelhanças às mulheres, eram chamados peixe-mulher, por apresentarem o “membro generativo” igual aos das mulheres e “terem também peitos como mulheres” (Daniel, 2004, vol. I, p. 138). Intrigou-lhe o fato de terem filhos como os animais terrestres, focinho de boi e características das mulheres, mas que no mais das características serem como peixes. Hoje, com o avanço da ciência e da tecnologia, há estudos em andamento tentando explicar que transformações foram as mais importantes para que os mamíferos terrestres adentrassem em águas doces e marinhas e sofressem as transformações que hoje possuem os mamíferos aquáticos (baleias, golfinhos e peixes-boi). Além disso, já se reconhece no peixe-boi da Amazônia, pela tecnologia de sequenciamento de DNA, parentesco filogenético com o grupo dos elefantes. Assim foi que Padre João Daniel chegou perto de entender que era um mamífero aquele animal tão especialmente dócil e de grande utilidade comercial, desde seu couro macio e resistente, até sua saborosa carne. Hoje, por ter sido muito abatido, é animal em risco de extinção e sua caça (ou pesca como queiram) é proibida.

Então, Padre João Daniel continua descrevendo a diversidade de outros gigantes das águas como a piraíba, peixe de couro da ordem dos grandes bagres, e em seguida o pirarucu, o maior peixe de escamas de água doce do mundo. Assim, vai adentrando no mundo das águas e seus habitantes até que deparamos, novamente, com a descrição do que hoje denominamos boto (golfinho do rio Amazonas), que sabemos ocorre em duas espécies: boto cor-de-rosa e boto tucuxi, sendo este último tão brincalhão e inteligente como os golfinhos marinhos mostrados em filmes norte-americanos. O boto cor-de-rosa tem características mais antigas e o tucuxi é mais moderno do ponto de vista evolutivo. João Daniel relata que os naturais (índios) o denominavam “pirajaquara”, que em sua língua significava “peixe-cão” ou “cão marinho”. Segue sua descrição:

É do tamanho da piraíba; mas grosso, e corpulento; e lá tem alguma semelhança com uma pipa por redondo. É peixe de pele, e posto que de todos os peixes abunda o Amazonas, e mais os rios, lagos, e baías, deste há maior quantidade e abundância, que anda em bandos, e cardumes (...) (Daniel, 2004, vol. I, p. 139),

e segue explicando várias características e, ao fim, reconhece que: “Também têm, como os cães, a singularidade de acompanharem, e seguirem as embarcações, e fazerem como festa em giros, e saltos,

como os cães a seus donos, e como se conta dos golfinhos” (Daniel, 2004, vol. I, p. 139). Ou seja, não reconhecia esses tipos ainda como golfinhos, mas chegou perto. De fato, o Boto Tucuxi e o Boto Cor-de-Rosa são também da família dos golfinhos marinhos e mamíferos aquáticos. Em nossas resenhas anteriores o leitor poderá encontrar outras curiosidades sobre o Padre, como um observador curioso e inteligente, a não lhe escapar nem as relações comensais entre pássaros e jacarés, tampouco a grande apreciação dos povos pela tartaruga aquática, descrevendo sua captura e culinária. Esse animal é até hoje apreciado, apesar de proibida sua pesca (Almeida-Val & Val, 2004; Almeida-Val & Ferreira, 2005).

### 3. O impressionante relato da colonização da Amazônia e a relação do Europeu com os índios

Desde o início da obra, Padre João Daniel descreve tudo referindo-se sempre aos naturais, como chama os índios da região. Afirma que não tem intenção de descrever todas as povoações dos “índios *selvagens*” naturais do Amazonas, porque há muitas outras obras que já tratam do assunto. Afirma que pretende falar sobre os índios já “domésticos, tratáveis, e inclusos no grêmio da Igreja”, e das povoações dos europeus espanhóis, e portugueses habitantes daquele rio, e das suas fortificações e fortalezas. De fato, a Parte Segunda, como assim divide seus escritos, o autor a denomina “Notícia geral dos índios seus naturais, e de algumas nações em particular. Da sua fé, costumes, e das cousas mais notáveis da sua rusticidade”.

Explico aqui que nas demais resenhas não foram mencionados esses assuntos e tampouco toquei nesta parte. Ao revisita-la, impressionou-me o quão igual continuam as relações entre classes sociais, na ocasião denominadas colonizadores e colonizados, hoje classificadas em classes A a E, e minorias, não tão somente do ponto de vista econômico<sup>3</sup>, mas principalmente do ponto de vista social e cultural<sup>4</sup>. A indignação do Padre João Daniel a descrever a relação dos europeus com os habitantes e naturais índios do grande Amazonas é tanta que, a certa altura, ele relata que tais habitantes são “gente” também disposta, e proporcionada como as mais da Europa, menos nas cores, em que muito se distinguem. E continua:

Nem pareça supérflua esta advertência, de que são gente, porque não obstante a sua boa disposição, e fisionomia, houve europeus que chegaram a proferir que os índios não eram verdadeiros homens, mas só um arremedo de gente, e uma semelhança de racionais; ou uma espécie de monstros, e na realidade geração de macacos com visos de natureza humana. E houve alguns espanhóis que quiseram persuadir ao mundo, e encaixar nos cascos dos mais homens esta tão descascada parvoíce, e desencaixada opinião, só para encobrirem com esta fraca capa os bárbaros insultos que com eles usavam e crueldades inauditas que lhes faziam, porque matavam neles, como quem mata mosquitos, e os tratavam nos seus serviços como se fossem feras, e bichos do mato; antes com mais caridade costumam os homens tratar os seus brutos domésticos, do que eles tratavam os pobres índios (grifo da autora; Daniel, 2004, vol. I, p. 263).

E segue ainda:

Por outra parte era brutal a lascívia e monstruosa a desenvoltura, com que sem temor de Deus nem pejo dos homens, usavam, ou abusavam do sexo feminino, com tanta lassidão, que parece enforcaram ou alijaram ao mar as consciências, ao passar da linha na viagem da Europa para as terras da América (Daniel, 2004, vol. I, pp. 263-264).

Tal descrição do trato do europeu com os índios continua mostrando que os índios, por dóceis que eram e fáceis de ensinar e catequizar (demonstrando inteligência humana das mais acentuadas), acabavam sendo escravos até de negros mais abastados que já haviam sido alforriados, ou mesmo obedecendo aos negros escravos dos senhorios europeus, na lida com o campo e outras tarefas domésticas.

Neste simples relato, já se observa uma semelhança aos dias de hoje e aos tratos das minorias indígenas e quilombolas, bem como a cultura machista, que subjuga a mulher (“fêmea” como o autor denomina) à condição de procriadora ou apenas a serviço sexual do homem, como um objeto de uso e descarte.

Seguindo em suas descrições, o Padre João Daniel descreve o índio como homens semelhantes em tudo, mas de cor avermelhada, “um vermelho escuro, baço, e tismados do sol, bem como os timorés” (Daniel, 2004, vol. I, p.264). Daí em diante passa a relacionar as cores humanas com a exposição ao sol e latitude terrestre, o que hoje, comprovadamente, não tem qualquer verdade científica. É interessante, no entanto, a gentileza com a qual ele descreve o índio podendo notar-se a simpatia que tinha pelos naturais. Em certa altura, diz: “e algumas fêmeas há que, além das suas feições finíssimas, têm os olhos verdes, e outras azuis, com uma esperteza e viveza tão engraçada, que pode ombrear com as mais escolhidas brancas” (Daniel, 2004, vol. I, p. 265). O autor descreve o índio do Amazonas como um homem bonito, de traços delicados, cabelos corridos, e pele livre de pelos, onde o homem não apresenta barba a não ser chegada a mais velha idade, mas “sempre barbas fracas” (Daniel, 2004, vol. I, p. 265).

Por fim, relato aqui a bela descrição das suas características sociais. Seu capítulo segundo da Parte Segunda é denominado *Da sua criação e desprezo das riquezas*. Neste capítulo, o autor conta das diferenças entre os índios ao leste do Amazonas, mais simples e desprendidos de qualquer materialidade até as tribos mais bem estruturadas, onde há hierarquias estabelecidas, tribos que estavam a oeste do rio Amazonas, logicamente ele fala da nação Inca, do império do Peru, civilização antiga das Américas que deve ter pouca ou nenhuma relação com os nossos índios americanos, mais provável originária do Império Asteca mexicano por ter características civilizatórias das mais sofisticadas e estruturadas. Mas, em relação aos índios brasileiros, por exemplo, a máxima hierarquia era a existência de “maiores”, a quem os espanhóis chamavam de caciques, palavra que utilizamos ainda hoje para apontar o que chefia a tribo. Mas, no mais, o Padre descreve que a estrutura familiar era muito clara, “filhos obedecendo com muita sujeição aos pais, índios moços respeitando aos índios mais velhos” (Daniel, 2004, vol. I, pp. 269-280),

(...) tendo-lhes tanta veneração, e às velhas, que juram nas suas palavras; e o que elas dizem são pra eles oráculos, e evangelhos, de sorte que ainda convertidos e domésticos mais depressa acreditam o que lhes dizem os velhos do que o que lhes pregam os missionários (Daniel, 2004, vol. I, p. 269).

Importante notar que o Padre João Daniel estava ali descrevendo a estrutura matriarcal que hoje observamos nas sociedades do norte do Brasil, em particular no Amazonas e no Pará, onde, em uma grande família, sempre há a avó, ou bisavó, que comanda, e em volta da qual toda a família se reúne e obedece. A matriarca sempre dá os caminhos e repreende os mais novos, a despeito de qualquer homem mais velho que ainda sobreviva. Herança secular de nossos ancestrais, a sociedade amazônica guarda a marca da hospitalidade, gentileza e benevolência com aqueles que adentram em suas terras e casas, para delas participar do festejo ou mesmo nelas se assentarem e buscar progresso.

Assim, fica a minha recomendação desta obra como um dos mais marcantes registros da história do rio Amazonas e suas terras e de como, há mais de dois séculos, um jesuíta foi capaz de nela viver, observar e registrar tanta informação. Por mais que haja alguma imprecisão, misticismo e criação de sua própria mente, a leitura desta obra ensina muito àquele que tem curiosidade de conhecer a região e as origens de sua diversidade social, cultural e natural.

Por fim, desejo-lhes, ao invés de uma boa leitura, uma boa viagem.

## NOTAS

<sup>1</sup> Ao adentrar no Brasil, o rio Amazonas recebe o nome Solimões, e que passa a ser denominado Amazonas, novamente, após o encontro com seu principal afluente da margem esquerda, rio Negro. Dali, até sua foz no Amapá, recebe novamente o nome Amazonas.

<sup>2</sup> Conhece-se apenas uma espécie de peixe-boi na Amazônia, *Trichechus inunguis*, que se distingue das demais espécies marinhas pela falta de unhas em suas “patas” transformadas em nadadeiras.

<sup>3</sup> O Critério de Classificação Econômica no Brasil é um instrumento usado para diferenciar a população e classificá-la em classes que vão de A1 a E. Sendo A1 a classe mais alta e E a classe mais baixa. Na verdade a classificação completa é: A1, A2, B1, B2, C1, C2, D e E. Esse instrumento considera basicamente duas coisas: O grau de escolaridade do chefe da família e a quantidade de certos itens domiciliares, como aparelho de televisão, rádio, banheiro, automóvel, máquina de lavar, empregada mensalista e outros.

<sup>4</sup> Uma classe social é um grupo de pessoas que tem status social similar segundo critérios diversos, especialmente o econômico, assim como de que família pertence e nasceu, o chamado ter ou não “berço”. Diferencia-se do conceito de casta social na medida em que ao membro de uma dada casta normalmente é impossível mudar de status enquanto que mudar da classe social da qual é originário é possível de acontecer. Segundo a óptica marxista, em praticamente toda sociedade, seja ela pré-capitalista ou caracterizada por um capitalismo desenvolvido, a desigualdade social através da classe social está relacionada ao poder aquisitivo, ao acesso à renda, à posição social, ao nível de escolaridade, ao padrão de vida, entre outros. Existe a classe dominante (burguesia), que controla direta ou indiretamente o Estado, e as classes dominadas por aquela, reproduzida inexoravelmente por uma estrutura social implantada pela classe dominante. Segundo a mesma visão de mundo, a história da humanidade é a sucessão das lutas de classes, de forma que sempre que uma classe dominada passa a assumir o papel de classe dominante, surge em seu lugar uma nova classe dominada, e aquela impõe a sua estrutura social mais adequada para a perpetuação da exploração. Vários autores descrevem essa ótica como a que domina no mundo, com exceção dos países e regiões onde há sistema de castas. Para melhor entendimento e aprofundamento no assunto, seguem algumas referências. Fonte: Wikipédia. Para mais detalhes, leia: Marx, K. & Engels, F. (1998). *Manifesto Comunista*. [S.l.]: Editora Garamond. p. 51.; Sorokin, P. A. (1964). *Contemporary Sociological Theories: Through the First Quarter of the Twentieth Century*. [S.l.]: Harper & Row. p. 541; Novais, F. A. & Souza, L. de M. e (1997). *História da vida privada no Brasil: Cotidiano e vida privada na América portuguesa*. Rio de Janeiro: Companhia das Letras; Vanneman, R. & Lynn, W. C. (1988). *The American Perception of Class*. Nova York: Temple University Press.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

Almeida-Val, V. M. F. & Val, A. L. (2004) Rio Amazonas: tesouro descoberto. *Ciência e Cultura, Notícias do Brasil*. Resenha da Obra Tesouro descoberto no Máximo Rio Amazonas (Vol. I e II), Padre João Daniel. Rio de Janeiro: Editora Contraponto.

Almeida-Val, V. M. F. & Ferreira, N. (2005). Máximo Rio Amazonas: as joias do Tesouro. *Ambiente & Sociedade*, 3(1).